

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Exatas e da Natureza

**Um olhar Geográfico na análise espacial da criminalidade no
bairro de Mangabeira (João Pessoa-PB)**

Emanuel Rogerio Santos de Souza

João Pessoa/PB

2016

Emanuel Rogerio Santos de Souza

**Um olhar Geográfico na análise espacial da criminalidade no
bairro de Mangabeira (João Pessoa-PB)**

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Geografia da Universidade
Federal da Paraíba, para obtenção do grau
de bacharel no curso de Geografia.

Orientador(a): Andrea Leandra Porto Sales

(Co) Orientador(a): Nirvana L. Albino Rafael de Sá

João Pessoa/PB

2016

Catálogo na publicação
Universidade Federal da Paraíba
Biblioteca Setorial do CCEN
Bibliotecária Josélia M. O. Silva – CRB15/113

S729o Souza, Emanuel Rogerio Santos de.
Um olhar geográfico na análise espacial da criminalidade na
Zona Sul de João Pessoa : O caso de Mangabeira / Emanuel
Rogerio Santos de Souza. – João Pessoa, PB, 2016.
44p. : il. color.

Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade
Federal da Paraíba.
Orientadora: Profa. Dra. Andrea Leandra Porto Sales Falcão.
Co-Orientadora: Profa. Dra. Nirvana L. Albino Rafael de Sá

1. Geografia urbana. 2. GeoCrime. 3. Violência em Mangabeira.
4. Problema urbano - Furto e roubo. I. Título.

BS-CCEN

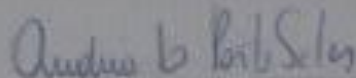
CDU 911.375:34(043.2)

Emanuel Rogerio Santos de Souza

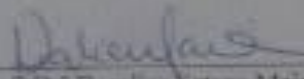
**UM OLHAR GEOGRÁFICO NA ANÁLISE ESPACIAL DA CRIMINALIDADE NA
ZONA SUL DE JOÃO PESSOA: O CASO DE MANGABEIRA**

Monografia apresentada como cumprimento às
exigências para obtenção do título de bacharel em
Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.

EXAMINADORES



Prof.^a Dr.^a Andréia Leandra Porto Sales (orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Geografia _ UFPB



Prof.^a Dr.^a Doralice Sutyro Maia
Departamento de Geociências _ UFPB



Prof.^a Ms. Nirvana Lígia Albino R. de Sá
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional _ UFRJ

João Pessoa _ PB
Junho, 2016

AGRADECIMENTOS

Não é fácil trabalhar e estudar, foram um pouco mais de quatro anos e duas greves de muita luta e correria, por isso agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força todo esse tempo.

A minha família que esteve comigo sempre nas horas mais difíceis e nas boas também.

Agradeço ao meu amigo Emmanuel Arantes pelos conselhos, pela ajuda na hora que precisei e acima de tudo pela sua amizade de sempre.

Ao Professor Pedro Viana juntamente com a Professora Maria Franco onde, foram de essencial importância me incentivando a cursar Geografia e deixando sempre as portas abertas para mim.

Em especial a professora Andrea e a professora Nirvana por terem aceitado o desafio de construirmos este trabalho, minha eterna gratidão e respeito.

A todos os meus colegas que tive a oportunidade de pagar disciplina ao lado deles, seja de manhã ou à noite todos foram de tamanha importância para mim sou grato a todos pela ajuda e apoio.

Ao Sr. Coronel da PM Adielson Pereira de Araújo, assessor estratégico da Polícia Militar do Estado da Paraíba, por ter disponibilizado os dados utilizados na realização da minha pesquisa.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a construção deste trabalho, a minha eterna gratidão a vocês.

Resumo

O Presente Trabalho estuda o aumento da violência urbana através da distribuição espacial de Furtos e Roubos no Bairro de Mangabeira na cidade de João Pessoa/PB, e tem como objetivo estabelecer as relações entre a urbanização desenfreada e o aumento da violência, usando o conhecimento geográfico como ferramenta de análise para estabelecer um modelo que possa auxiliar na compreensão dos fenômenos urbanos relativos à violência. Para tanto faz-se necessário entender o espaço geográfico (espaço urbano) enquanto um todo em movimento. A forma de violência analisada foi o aumento de Furtos e Roubos registrados pela Polícia Militar da Paraíba, no Bairro de Mangabeira no período de 2013 a 2015. O trabalho mostrou que a violência está distribuída de forma heterogênea pelo Bairro. O estudo também apresenta um alto crescimento da criminalidade no Bairro devido a fortes relações com algumas variáveis urbanas analisadas na pesquisa como a segregação espacial, a urbanização, pobreza urbana. Conclui-se que embora o frente da luta caiba aos órgãos de segurança pública, a violência urbana é uma questão mais de política que de polícia. Nesse sentido a geografia pode contribuir para alcançar um entendimento mais amplo da violência urbana, e assim orientar a formulação de políticas públicas de segurança e planejamento urbano.

Palavras chaves:

GeoCrime, Violência, Mangabeira, Problema Urbano, Furto e Roubo

SUMÁRIO

Lista de Figuras

Lista de Quadros

Lista de Gráficos

Resumo

Introdução..... Pag. 1

1. Geografia do Crime

1.1 Definição e inclusão da Geografia no estudo do Crime..... Pag. 3

1.2 Furto e Roubo: Definição a partir do código penal Brasileiro..... Pag. 6

1.3 Causas pessoais da Criminalidade violenta..... Pag. 9

2. O espaço Urbano de Mangabeira

2.1 Caracterização do Bairro..... Pag. 13

3. Análise das ocorrências da Violência criminal no Bairro de Mangabeira por modalidade..... Pag. 28

4. Considerações Finais..... Pag. 33

Referências..... Pag. 36

Lista de Figuras

| | |
|---|---------|
| Figura 1. Mapa dos Bairros de João Pessoa..... | Pag.13 |
| Figura 2.Imagem do Bairro de Mangabeira..... | Pag. 15 |
| Figura 3. Imagem do Rio do Cabelo..... | Pag. 16 |
| Figura 4. Mapa Georreferenciado das fontes pontuais de Poluição na calha do Rio Cabelo..... | Pag.17 |
| Figura 5. Imagem de Mangabeira I..... | Pag. 18 |
| Figura 6. Imagem das duas principais avenidas de Mangabeira... | Pag. 19 |
| Figura 7. Imagem da Avenida Josefa Taveira em Mangabeira..... | Pag. 21 |
| Figura 8. Imagem da Feirinha de Mangabeira..... | Pag. 26 |
| Figura 9. Imagem da Feirinha de Mangabeira..... | Pag. 26 |
| Figura 10. Delimitação da área da Feirinha de Mangabeira..... | Pag.27 |

Lista de Tabela

| | |
|---|---------|
| Quadro 1. Distribuição da população Masculina e Feminina no Bairro de Mangabeira..... | Pag. 22 |
| Quadro 2. Dados Tabulados sobre a população de Mangabeira..... | Pag. 22 |
| Quadro 3. Números de CVP no Bairro de Mangabeira por meses de 2013 a 2015..... | Pag. 30 |
| Quadro 4. Modalidades de Roubo em Mangabeira..... | Pag. 31 |

Lista de Gráficos

| | |
|---|---------|
| Grafico1. Número de CVP no Bairro de Mangabeira João Pessoa por meses de 2013 a 2015..... | Pag. 31 |
| Gráfico 2. Modalidades de Roubo em Mangabeira de 2013 a 2015... | Pag. 32 |

INTRODUÇÃO

A violência e a criminalidade estão entre os temas que mais mobilizam a atenção das sociedades, por ser um fenômeno que ocorre em qualquer nível ou esfera e que atinge diretamente o cotidiano das pessoas, seja no âmbito rural ou urbano. Aqui trataremos do espaço urbano, por considerarmos que a segregação, a qualidade de vida, e a crescente verticalização contribuem para a urbanização desenfreada e conseqüentemente o aumento da violência e do crime na cidade.

Hoje, na sociedade brasileira, são poucos os assuntos que mobilizam tanta atenção como a violência e a criminalidade. O aumento da criminalidade tem sido notado nas grandes cidades há um bom tempo, inclusive ocasionando uma modificação no modo de vida das pessoas. Contudo, não é só nas grandes cidades que este fenômeno está acontecendo em cidades médias, como o município de João Pessoa capital da Paraíba, ou mesmo nas pequenas cidades e vilarejos, isto também acontece.

Neste trabalho trataremos especificamente da cidade de João Pessoa, a qual está localizada na Mesorregião da Mata Paraibana e constitui-se de uma população de aproximadamente 780.738 habitantes (segundo dados estimativos do IBGE 2015). De acordo com fontes diversas, e mesmo com os periódicos publicados diariamente nos jornais locais, a cidade vem sofrendo, ao longo dos últimos anos, um aumento constante da criminalidade. Este tema será aqui trabalhado a partir da análise de um bairro específico, como veremos mais adiante.

O Bairro de Mangabeira é uma extensão da área de centralidade de João Pessoa conhecido popularmente como centro da cidade, essa extensão gerou uma grande concentração populacional, e, por isso, Mangabeira passou a ser chamada por alguns como "bairro cidade"

Devido ao alto índice de criminalidade que vem ocorrendo no bairro acima citado o estudo visa analisar a relação existente entre a expansão dos espaços urbanos com o aumento da criminalidade. Propomos nesta pesquisa trabalhar a temática da violência, delimitando como objeto de estudo o espaço urbano do bairro de Mangabeira. A pesquisa tem como objetivo analisar geograficamente

a dinâmica dos crimes de furto e roubo no espaço urbano do bairro, através do levantamento de dados criminais destas duas tipologias de crime no território.

O texto foi dividido em três capítulos. No primeiro abordamos a definição da Geografia do Crime, como também a sua contribuição para a temática em questão, discorre também sobre as causas pessoais da criminalidade e os fatores externos da criminalidade.

No segundo capítulo abordamos a caracterização do Bairro de Mangabeira fazendo uma análise na questão socioeconômica e no uso do solo da área de estudo.

No Terceiro capítulo analisamos os dados e abordamos as consequências adquiridas da criminalidade no Bairro.

Para realizar este trabalho foram utilizados os seguintes procedimentos teórico-metodológicos:

- Levantamento de dados de criminalidade na Secretaria de Segurança Pública do Estado, localizada no bairro de Mangabeira. Foram coletados e analisados dados de criminalidade no bairro entre os anos de 2013 e 2015, com enfoque para furtos, roubos, agressão física e homicídios. Esse período foi escolhido devido à construção de um grande equipamento público localizado no bairro e que alterou as configurações sociais do mesmo, qual seja, o Mangabeira Shopping. Além disso, enfatizamos neste período outro fator que alterou não só a Paisagem, como também o uso do solo no bairro, a saída da antiga ACADEPOL, (Academia de Polícia do Estado da Paraíba), como também a inauguração da nova Central de Polícia no Bairro do Geisel, a partir de permuta destes terrenos.

- Levantamento Bibliográfico sobre a temática em questão buscando uma melhor compreensão na área da violência criminal e a organização do espaço urbano como também a área da Geografia do crime.

- Levantamentos de dados Socioeconômicos do Bairro no IBGE. (Censo, 2010).

- Elaboração de Mapas, gráficos e tabela com a perspectiva de análise ao fim da coleta dos dados.

1. GEOGRAFIA DO CRIME:

Definição e inclusão da Geografia no estudo do Crime

Devido ao aumento da criminalidade, o modo de vida das pessoas tem passado por modificações constantes, esse problema da criminalidade e da violência não ocorre apenas nas grandes cidades, como falamos antes, mesmo em cidades de porte médio ou pequenas cidades, este fenômeno tem ocorrido. Neste sentido, em João Pessoa não seria diferente. Este que sempre foi considerado um lugar de tranquilidade, qualidade de vida e baixo índice de criminalidade, nos últimos anos os registros de jornais e relatos de moradores nos mostra que essa forma de pensar já não existe mais, a população já convive com o medo constante.

Diversos autores trabalham com a temática sobre violência e criminalidade, enfatizando vários fatores para caracteriza-la, tais como, pobreza, desemprego e segregação. Para esta pesquisa o intuito não é o aprofundamento da temática sobre violência, pois expõe enormes desafios e transcorre por várias correntes filosóficas, logo, decorrer por situações individuais acerca da violência e criminalidade seria negar a complexidade desses fenômenos.

Acerca da relação entre a Geografia e Criminalidade, Felix (1996) discorre sobre atenção que a Ciência Geográfica vem dando à “temática violência e criminalidade” em função das abordagens que consideram as manifestações espaciais do crime e dos espaços diferenciados que surgem a partir da violência. Sobre o papel da Geografia nestes estudos, Felix (2002, p.78) reforça:

A análise geográfica pode levar a interessantes e relevantes hipóteses da espacialização da criminalidade, já que além da lei, do ofensor e do alvo, a localização das ofensas é uma importante dimensão que caracteriza o evento criminal (...). Se a dinâmica criminal pode ser um dos fatores de transformação e reorganização espacial (o crime transforma o espaço e seus significados) e a ciência geográfica tem potencial para colaborar no planejamento urbano metropolitano, deve-se inserir em suas análises a dimensão da criminalidade.

O espaço urbano se apresenta como algo complexo, campo onde as relações humanas se estabelecem e cristalizam nas suas formas e nas relações entre elas. É nesse contexto, entre as ações e sua dinâmica no território que surge uma geografia do crime, em que cada ação de "quebra da ordem" e, conseqüentemente, de um ato de violação dos direitos do cidadão, adquire uma dinâmica e personalidade própria, estabelecendo um conjunto de ações que se interligam a outros fenômenos urbanos, interferindo e moldando a percepção que cada indivíduo passa a ter do espaço onde vive, estabelecendo novas texturas e morfologias no crescimento do tecido urbano, como consequência final de todo o processo. (FRANCISCO FILHO, 2004, p.27).

Nesse sentido, sendo o crime uma realidade que nos acompanha no cotidiano, seja nas grandes ou pequenas cidades, fazer uma análise do reflexo das ações criminosas no espaço é desafiador, já que nos é proposto numerosas variáveis que envolvem a sua origem e a sua prática que demarcam territórios no espaço urbano. Dessa forma, a Ciência Geográfica que se estende, também, ao estudo do planejamento urbano, não pode ficar dissociada da problemática da criminalidade na formação de territórios nas cidades. Na perspectiva desse trabalho a abordagem sobre violência será mais voltada para a área do Código Penal criminal como furto e roubo.

A Geografia a algum tempo contribui para este debate, uma vez que a violência guarda consigo um forte componente espacial, que se faz notória por meio da identificação de padrões específicos em sua distribuição espacial. Ainda assim, os geógrafos avançaram muito pouco em construções teóricas que visam entender e explicar este fenômeno. Em grande medida, as contribuições destes profissionais se materializam nos trabalhos empíricos, que tratam das relações entre violência e seus condicionantes clássicos, sobretudo àqueles ligados aos aspectos socioeconômicos, demográficos e ambientais (BATELLA, 2004).

Esses primeiros trabalhos foram publicados por geógrafos americanos, que buscaram compreender as incidências sazonais criminais a partir do clima, ou nos elementos climáticos, temperatura e variação termal, pautados no paradigma do "determinismo ambiental". Ainda, Lewis e Alforde (1975) citados por Batella (2008) analisaram o comportamento espacial das agressões

registradas em 56 cidades norte-americanas com a população superior a 250.000 habitantes, utilizando a média mensal de delitos registrados entre 1969 e 1971. Apreciando as “influências térmicas” meio físico, em detrimento de outras de caráter cultural, econômico ou político, esses autores encontraram uma distribuição sazonal de taxas de agressões entre as cidades estudadas. Nas quais as incidências superiores à média anual foram mais recorrentes nos meses de junho, julho, agosto e setembro período do verão boreal, marcando o início do que os autores chamaram de “estação violenta” (BATELLA, 2008).

Outras contribuições para os estudos da Geografia do Crime foram originados na perspectiva da “Geografia Quantitativa”, que consolidaram seus estudos na década de 50, dando ênfase a análise criminal, desenvolvidos a partir da apreciação dos padrões espaciais e temporais. Apropriando-se das potencialidades da estatística espacial e dos SIG’S – Sistemas de Informações Geográficas, a Geografia do Crime expandiu sua habilidade analítica a partir do mapeamento da incidência criminal e de suas taxas. Nesse contexto, Batella (2008) ressalta os trabalhos de Harries (1971), um dos primeiros a utilizar mapas confeccionados em computadores para estudar o crime. Harries utilizou mapeamentos de dez categorias de crimes violentos para os EUA, identificou que cada um deles apresentava uma distribuição espacial específica. (SANTOS, APUD, BATELLA, 2012).

Ainda sobre as contribuições da Geografia do Crime podemos citar as análises da violência numa perspectiva dialética. Dentre os numerosos estudos destaca-se a dissertação de mestrado de Couto (2008), na qual o autor analisa a relação entre a Geografia e a violência produzida pelo tráfico de drogas. O objetivo de Couto, nesse estudo foi realizar um trabalho pautado em uma Geografia dos usos do território, sendo esse território aproveitado pelo narcotráfico, com destaque para o Bairro Terra Firme, na cidade de Belém, Amazônia Oriental. O autor fez uso do conceito de território defendido pelo geógrafo Rogério Haesbaert, definindo o que seria “territorialização perversa”. Na análise foi observado que os instrumentos de manipulação e controle impostos à população pelos traficantes como uma forma de garantir tanto o controle político–econômico quanto o simbólico–cultural reproduzia um sentimento de medo que demarcaria aquele território. Para substantivar seu estudo, o autor correlaciona agentes na produção do espaço geográfico como,

segregação, pobreza, desestrutura familiar, tráfico de drogas, violência, falta de planejamento urbano, falta de políticas públicas, como condicionantes para a produção da “territorialização perversa” (COUTO 2008).

1.2 Furto e Roubo: Definição a partir do código penal Brasileiro:

Causas pessoais da Criminalidade violenta

De acordo com os estudos do direito criminal, convém analisar no tema da criminalidade violenta os fatores internos da personalidade do indivíduo que o levam a praticar delitos violentos. Fatores instintivos: Interpretações acerca da evolução humana sugerem que sua capacidade, no que tange ao comportamento agressivo, possivelmente originou-se quando, graças ao desenvolvimento progressivo de sua inteligência, tornou-se apto a buscar alimento e a se proteger.

No que se refere ao homem primitivo, o desenvolvimento de um crânio maior e a capacidade de usar ferramentas como armas tornaram-se concomitantes à agressão humana, inicialmente dirigida contra predadores de outras espécies, em seguida, aos animais ao seu redor e, por derradeiro, aos seus semelhantes.

Konrad Lorenz (1903), um dos fundadores da moderna ciência do comportamento animal, a Etologia, abordando o tema do comportamento humano, escreveu que existem indícios de que os primeiros inventores das ferramentas de pedra, os australopithecus africanos, logo começaram a utilizar suas novas armas para matar não só as presas de caça, mas também outros membros de sua própria espécie. (Lorenz, 1903 apud Fernandes, 1995). Já Freud, criador da Psicanálise, afirmou que “os homens não são criaturas gentis e amáveis que desejam o amor; um alto grau de desejo de agressão deve ser considerado como parte de suas qualidades instintivas”. (FREUD, 1930 apud FERNANDES, 1995, p. 113).

A agressão costuma ser confundida com violência e alguns as empregam como termos sinônimos. Agressão é um comportamento adaptativo intenso que não implica em raciocínio, é uma forma de enfrentar as condições ambientais, com o intuito de resistir às suas pressões, através da luta, do combate. A violência, por outro lado, é comportamento destrutivo dirigido contra membros

da mesma espécie (ser humano), em situações e circunstância nas quais alternativas para o comportamento adaptativo podem ocorrer. Diante dessa análise, podem-se considerar os fatores instintivos do ser humano como um dos fatores que compõem o comportamento agressivo do indivíduo e levam a cometerem crimes (PANUCCI, 2004).

Ainda segundo Panucci, estes fatores psicológicos são denominados pela psiquiatria como "síndrome de descontrole episódico ou transtornos explosivos intermitentes". Os ataques recorrentes de violência incontroláveis, frequentemente desencadeados por estimulação mínima ou mesmo nenhuma e que transforma completamente a personalidade do indivíduo naquele instante. Esta síndrome poderia, portanto, ser uma das causas de homicídios não planejados, ataques sem sentido a pessoas estranhas, agressões físicas desproporcionais, direção criminosa de veículos, destruição brutal de propriedades e ataques selvagens à animais.

A característica essencial do Transtorno Explosivo Intermitente é a ocorrência de episódios bem definidos onde a pessoa fracassa em resistir a impulsos agressivos, e o grau de agressividade expressada durante esses episódios é amplamente desproporcional à eventual provocação ou ao eventual fator psicossocial desencadeante. Tais crises normalmente acarretam sérios atos agressivos e, sem dúvida, leva o indivíduo a praticar delitos violentos.

Um diagnóstico de Transtorno Explosivo Intermitente somente pode ser feito depois de descartados outros transtornos mentais que podem explicar esses episódios de comportamento agressivo, como é o caso do Transtorno da Personalidade Anti-Social. A Personalidade Anti-Social caracteriza-se pelos indivíduos multi-reincidentes, especialmente específicos, que apresentam distúrbios do caráter. O comportamento agressivo à sociedade é um traço marcante dessa personalidade.

São indivíduos incapazes de aprender pela experiência, integrar grupos e efetivar um plano de vida. Acredita-se que essas pessoas já nascem com um defeito impediendo do aproveitamento da experiência vivida. Trata-se de pessoa portadora de defeito de caráter e constitui a chamada personalidade psicopática. Outros, porém, tendo vivido em ambientes deficitários, incorporam maus valores ou, reagindo a um abandono, tornam-se adversos à estrutura

social. Têm capacidade de incorporar a experiência vivida. São chamados para-sociais ou dissociais.

Desde 1968, a Associação Psiquiátrica Brasileira vem adotando uma tradução adaptada do Manual Diagnóstico Estatístico, onde se encontra o conceito de personalidade Anti-Social. Este termo é reservado para indivíduos basicamente insocializáveis e cujo padrão de comportamento os coloca repetidamente em conflito com a sociedade. São incapazes de lealdade significativa para com os indivíduos, grupos ou valores sociais. São manifestamente egoístas, rudes, irresponsáveis, impulsivos e incapazes de sentir culpa ou aprender com a experiência e o castigo.

O distúrbio anti-social caracteriza-se por comportamento irresponsável, iniciado precocemente (antes dos 15 anos), acompanhado de mentira, roubo, vadiagem, vandalismo, brigas provocadas, crueldade física, atividades ilícitas, geralmente envolvendo tóxicos.

Estudos especializados realizados na Alemanha, Holanda, e Estados Unidos, concluíram sobre a personalidade psicopática: O psicopata é anti-social. Sua conduta frequentemente o leva a conflitos com a sociedade. Ele é impelido por impulsos primitivos e por ardentes desejos de excitação. Na sua busca autocentrada de prazeres, ignora as restrições de sua cultura. O psicopata é, portanto, altamente impulsivo, sendo considerada uma pessoa para quem o momento que passa é um segmento de tempo separado dos demais. Suas ações não são planejadas e ele é guiado pelos seus impulsos.

Além disso, o psicopata é agressivo, aprendeu poucos meios socializados de lutar contra frustrações. Tem pequeno ou nenhum sentimento de culpa. Pode cometer os mais apavorantes atos e ainda rememorar-los sem qualquer remorso. Tem uma incapacidade pervertida para o amor. Suas relações emocionais, quando existem, são estéreis, passageiras e intentam apenas satisfazer seus próprios desejos. (MARANHÃO, 1993, p. 85) Sendo assim, extrai-se a idéia de que a tendência à agressão e à violência poderá ser concebida como traços da personalidade, seja como um instinto ou como desvios da personalidade do indivíduo.

1.3 Fatores externos da Criminalidade

Neste tópico falaremos sobre a influência dos meios de comunicação na criminalidade. Os meios de comunicação são veículos capazes de transmitir ao homem informações de tudo o que ocorre na sociedade. Os principais deles são jornais, revistas, rádio, cinema, televisão, murais e fotografias.

O indivíduo vê, ouve e, muitas vezes se deixa influenciar por tudo que o rodeia e pelos estímulos e informações que recebe. O destaque dado por alguns meios de comunicação à violência vem propagando estímulos negativos à sociedade, principalmente a televisão, o cinema e os jornais, que vêm inserindo na mente humana hábitos e exemplos nocivos à sociedade, à medida que projetam imagens e notícias relativas à criminalidade violenta. Há frequentes pesquisas sobre a influência criminógena da imprensa por exibir notícias marcadas de sensacionalismo e a importância dada ao crime e ao criminoso. Realmente, a imprensa é um dos principais meios de informação sobre o crime.

É incontestável que os meios de comunicação de massa, principalmente os jornais e a televisão, exibindo imagens e notícias violentas, induzem muitas pessoas a desvios de conduta que podem chegar a práticas delituosas, isto para a satisfação imediata de seus instintos ou mesmo por simples anseio imitativo e busca à notoriedade. Diariamente, os jornais estampam fotografias e descrevem fatos de crimes violentos, contagiando e estimulando indivíduos ao crime e até mesmo aprimorando os delinquentes.

Na verdade, alguns acreditam que a notícia sensacionalista sobre um crime inspira o cometimento de delitos da mesma natureza. Assim é que, nos centros urbanos, certos delitos, exibidos exaustivamente pela imprensa, ocorrem repetidamente durante um certo período. É o que ocorre com a extorsão mediante sequestro quando a imprensa noticia que milhões foram pagos pela libertação do sequestrado.

O mesmo se dá em casos de roubos bem sucedidos em agências bancárias, grandes supermercados e empresas. Realmente, a mídia é um

perigoso modificador da autonomia da vontade humana ou do livre arbítrio, pois influenciam o psiquismo do indivíduo e orientam o sentido de sua conduta. A publicidade dada aos fatos criminosos e o sensacionalismo empregado contagiam e induzem aqueles indivíduos mais propensos à imitação.

Os diferentes meios de comunicação exercem influência principalmente sobre os adolescentes. Lembram os criminologistas americanos, Cressey e Trasher, que atualmente não se pode ignorar o fato de os infanto-juvenis levarem em si uma determinada predisposição para imitarem as técnicas agressivas e delitivas que aprendem nos filmes. Isto ocorre porque visualizam como “heroicas” as ações violentas dos vilões. Toda a publicidade dada a um delito impune e ao rendimento pecuniário de um crime tem grande probabilidade de influenciar alguém à prática delituosa. No tocante ao proveito do crime, deve-se ressaltar que nos dias atuais, o poder financeiro é prioridade de muitos e alguns o querem atingir de qualquer modo, ainda que implique na prática de um crime.

Pode-se dizer que os meios de comunicação são “estimulantes criminais”. Tanto assim é que, na Inglaterra, os cinco bárbaros homicídios ocorridos no bairro londrino de *Whintechapel*, por Jack, o Estripador, ganharam tamanha notoriedade que, ao invés de serem esquecidos, até hoje suscitam um grande número de artigos, filmes e livros. É difícil provar a direta influência que os meios de comunicação exercem sobre a delinquência.

A influência maior se dá quando o indivíduo já apresenta certa vulnerabilidade. Um filme visto por um menor deprimido ou mal assimilado ao seu meio social pode acelerar uma evolução que terminará num estado depressivo ou na delinquência. Uma grande parte dos meios de comunicação estão com a sua função desviada. Ao invés de promoverem a cultura, o lazer e a educação, apresentam alto poder de divulgação do vício, do crime, dos falsos valores morais e perversões dos costumes (Panucci, 2004).

Após a apresentação dessa série de fatores segue abaixo alguns trechos do 'Código Penal Brasileiro' referentes a furto e roubo que serviram para análise do aumento da criminalidade no Bairro de Mangabeira. No que se refere ao furto, aponta o Código Penal:

Furto Art. 155 - Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel: Pena - reclusão, de um a quatro anos, e multa.

§ 1º - A pena aumenta-se de um terço, se o crime é praticado durante o repouso noturno.

§ 2º - Se o criminoso é primário, e é de pequeno valor a coisa furtada, o juiz pode substituir a pena de reclusão pela de detenção, diminuí-la de um a dois terços, ou aplicar somente a pena de multa.

§ 3º - Equipara-se à coisa móvel a energia elétrica ou qualquer outra que tenha valor econômico.

Furto qualificado

§ 4º - A pena é de reclusão de dois a oito anos, e multa, se o crime é cometido:

I - com destruição ou rompimento de obstáculo à subtração da coisa;

II - com abuso de confiança, ou mediante fraude, escalada ou destreza;

III - com emprego de chave falsa;

IV - mediante concurso de duas ou mais pessoas.

§ 5º - A pena é de reclusão de três a oito anos, se a subtração for de veículo automotor que venha a ser transportado para outro Estado ou para o exterior. (Incluído pela Lei nº 9.426, de 1996) Furto de coisa comum

Art. 156 - Subtrair o condômino, co-herdeiro ou sócio, para si ou para outrem, a quem legitimamente a detém, a coisa comum: Pena - detenção, de seis meses a dois anos, ou multa.

§ 1º - Somente se procede mediante representação.

§ 2º - Não é punível a subtração de coisa comum fungível, cujo valor não excede a quota a que tem direito o agente.

Já para tipificar o Roubo, o Código Penal, afirma em seu Artigo 157 que este crime se refere a

Roubo Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena - reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

§ 1º - Na mesma pena incorre quem, logo depois de subtraída a coisa, emprega violência contra pessoa ou grave ameaça, a fim de assegurar a impunidade do crime ou a detenção da coisa para si ou para terceiro.

§ 2º - A pena aumenta-se de um terço até metade:

I - se a violência ou ameaça é exercida com emprego de arma;

II - se há o concurso de duas ou mais pessoas;

III - se a vítima está em serviço de transporte de valores e o agente conhece tal circunstância.

IV - se a subtração for de veículo automotor que venha a ser transportado para outro Estado ou para o exterior; (Incluído pela Lei nº 9.426, de 1996)

V - se o agente mantém a vítima em

seu poder, restringindo sua liberdade. (Incluído pela Lei nº 9.426, de 1996)

§ 3º - Se da violência resulta lesão corporal grave, a pena é de reclusão, de sete a quinze anos, além da multa; se resulta morte, a reclusão é de vinte a trinta anos, sem prejuízo da multa. (Redação dada pela Lei nº 9.426, de 1996) Vide Lei nº 8.072, de 25.7.90 Extorsão

Desta forma, será a partir destas duas tipificações, que o bairro de Mangabeira será analisado. Fazendo uma referência aos roubos e furtos que se dão no espaço urbano deste bairro a fim de entender um pouco a geografia do crime em tal território. O fato de não utilizar outras tipologias de crime dizem respeito a uma dificuldade metodológica de fornecimento de dados por parte da Secretaria de Segurança Pública.

2. O ESPAÇO URBANO DE MANGABEIRA

2.1 Caracterização do Bairro

Segundo (ARAÚJO, 2006), Mangabeira está localizado na porção sudeste de João Pessoa, Mangabeira é delimitado por estes bairros: Jardim Cidade Universitária, ao norte; Portal do Sol, a nordeste; Costa do Sol, a leste; Valentina Figueiredo e Paratibe, ao sul; Cuiá, a sudoeste e José Américo e a Cidade dos Colibris, a oeste, conforme podemos observar na Figura 1, abaixo.

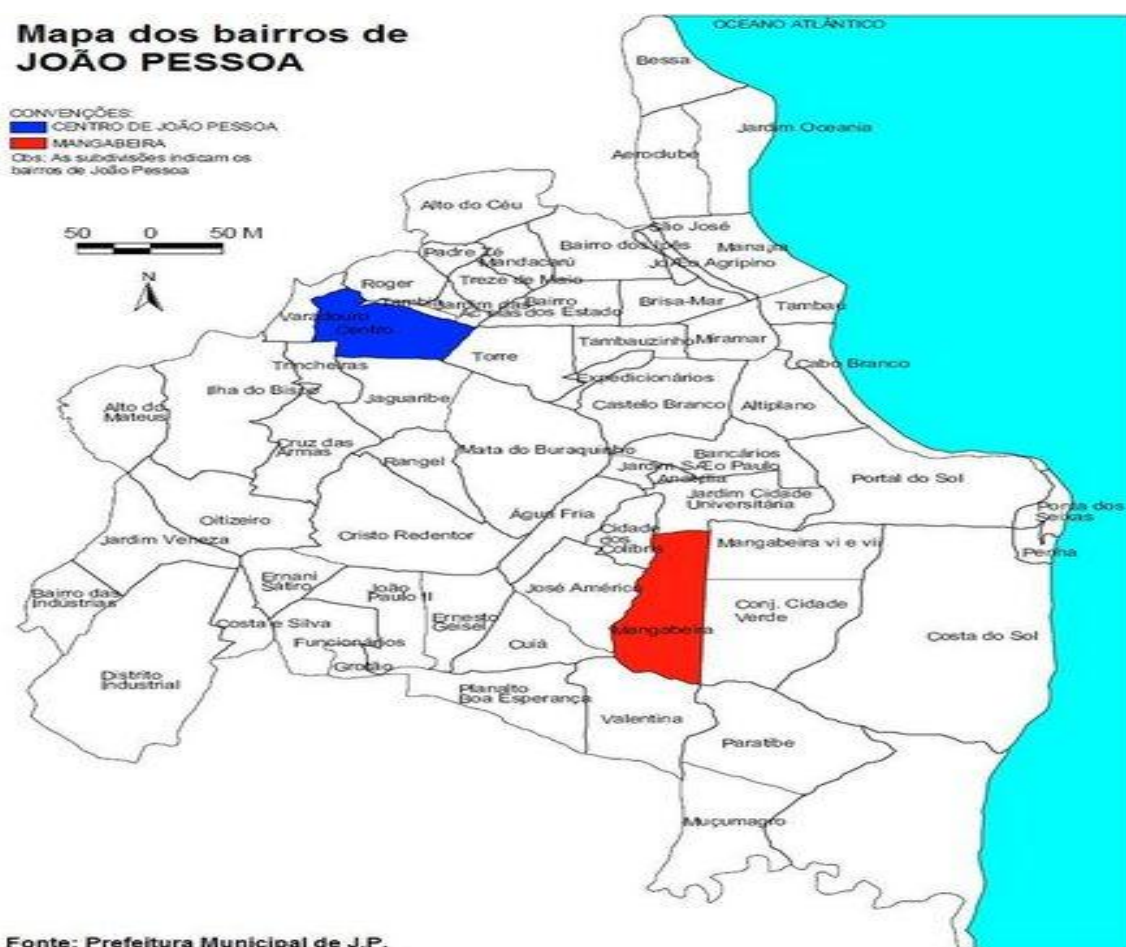


Figura 1: Mapa dos bairros de João Pessoa. Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa. Disponível em www.joaopessoa.pb.gov.br Acessado em 20/05/2016

Na Zona Sul de João Pessoa situa-se o bairro de Mangabeira, com cerca de 76 mil habitantes (IBGE, 2015), é o mais populoso da Paraíba, Mangabeira fica na Zonal Sul de João Pessoa.

O bairro é subdividido em oito partes que vão de Mangabeira I até VIII. O bairro, que tem uma área de 1.069 hectares, e vai desde o colégio CAIC (Centro de atenção Integral á Criança e ao Adolescente) Damásio Franca até a confluência com o bairro Valentina Figueiredo (conforme mapa da pág. 15) Segue ainda a Leste do sítio Laranjeiras (sendo esta uma área de produção rural) e termina no recém construído Centro de Convenções do Município de João Pessoa, o que demonstra um extenso espraiamento territorial do bairro, desde uma área de construção mais simples e mesmo populares, até uma zona de especulação e valorização econômica, como está em que está localizado o centro de convenções.

O bairro de Mangabeira passou por intenso processo de urbanização nos últimos anos e, com isso, intensificou-se o processo de desmatamento. Toda a sua área estendia-se sobre uma topografia relativamente plana do Baixo Planalto Costeiro, o qual era recoberto por uma vegetação composta por espécies da Mata Atlântica. Atualmente quase não se vê a porção original de mata Atlântica, só restam pequenas manchas residuais de mangabeiras – daí a origem do nome popular do conjunto.



Imagem 2: Imagem do Bairro de Mangabeira, Fonte: Google Earth. Acessado em Maio de 2016.

O clima, como em todo o litoral paraibano, é o tropical quente-úmido, ou seja, litorâneo, com forte influência da maritimidade, possui umidade relativa do ar elevada e chuvas de outono-inverno. Quanto à hidrografia, destacam-se as microbacias dos rios Cabelo, na porção nordeste do conjunto; Laranjeiras, a oeste; e Cuiá, ao sul. Os dois últimos contornam parte do conjunto, servindo como elemento de delimitação com alguns bairros circunvizinhos.

A área de drenagem da microbacia do Rio Cabelo está inserida no baixo curso da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba; no complexo Gramame e Mamuaba; entre as coordenadas $7^{\circ}08'53''$ e $7^{\circ}11'02''$ de latitude sul e $34^{\circ}47'26''$ e $34^{\circ}50'33''$ de longitude oeste e uma altitude média de 31,5m. (LEITE, 2005); estende-se em sua maior parte, na direção oeste-leste do bairro de Mangabeira, onde está inserida sua nascente que foi aterrada em decorrência da expansão urbana, até sua desembocadura, na Praia da Penha. A área de drenagem da microbacia encontra-se, em sua maior parte, inserida em área urbana.

O Rio Cabelo é o principal rio da micro bacia, é um rio perene e limita-se ao Sul com a Bacia do Aratú, ao Norte com a Ponta do Seixas, a leste com o Oceano Atlântico e a Oeste alcança no alto curso áreas do Conjunto Mangabeira e Cidade Verde. Seu comprimento é de 6,02m e uma largura aproximada de 4 metros na foz, no estuário da Penha. Possui uma área de 9,7 km² e um perímetro de 17,54 km². (FARIAS, 2006).



Figura 3. (Foto: Rizemberg Felipe / Jornal da Paraíba). Publicada em 26/11/2014



Imagem 4: Imagem do Bairro de Mangabeira, Fonte: Google Earth

A região que abrange a micro bacia do Rio Cabelo apresenta-se gravemente impactada, onde as principais fontes de poluição segundo Farias (2006) são

- Complexo Presidiário de Mangabeira que corresponde a um lago localizado a montante da nascente do rio.
- Galeria Pluvial com duas saídas localizadas na estrada que saindo de Mangabeira VII dá acesso ao bairro Cidade Verde, situado à montante da nascente.
- Cano extravasor da ETE – Estação de tratamento de Esgotos de Mangabeira. Dispositivos dessa natureza funcionam com escapes quando a capacidade da ETE é superada. Geralmente o fato ocorre em situações especiais como no caso de manutenção ou falta de energia elétrica, mas nem sempre devem ocorrer de forma a minimizar danos ambientais.
- Exploração agropecuária devido ao lançamento de efluentes advindo dessa atividade.
- Efluentes industriais lançados na calha do Rio Cabelo, após tratamento preliminar em fossas sépticas. As indústrias responsáveis pelo lançamento

apresentam grau poluidor de acordo com a lei 10.165 de Dezembro de 2000. (Fonte: ??).

- Efluentes domésticos.

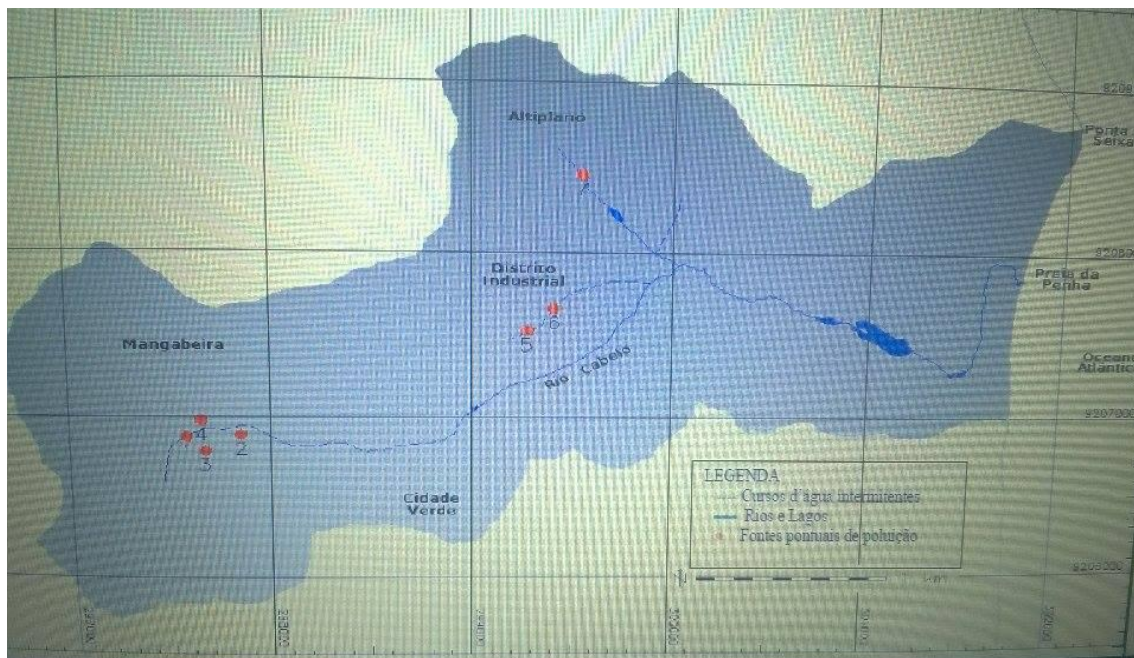


Figura 5: Mapa Georreferenciado das fontes pontuais de poluição na calha do Rio do Cabelo. Fonte: FARIAS 2006, p. 34

No que se refere ao Rio Cabelo, a urbanização desenfreada contribui para uma forma de criminalidade que ocorre no Rio, já que a expansão urbana desordenada constitui-se, num grande problema de gestão ambiental, pois cada vez mais, mais pessoas vivem próximas dos estuários. Quando aumenta o grau de urbanização, aumenta também, em proporção a degradação ambiental decorrente da concentração da população nessas áreas.

No que diz respeito a construção do conjunto ele teve início em 1979 e até o ano de 1991 foram construídas as oito etapas do Projeto Mangabeira, predominantemente, sob um padrão de moradia unifamiliar, com casas geminadas, isoladas e em estilos térreo e duplex, excetuando-se Mangabeira VII, edificada também com unidades multifamiliares. (ARAÚJO, 2006)

A primeira etapa, Mangabeira I, é a de maior área, com 110,50 hectares, Equivalentes a pouco mais de 10% da área total de Mangabeira, cuja extensão é de 1.069,60 ha. Originalmente com 3.238 unidades. Localizada no início do conjunto, Mangabeira I faz limite com a Avenida Hilton Souto Maior –

Perimetral Leste-Oeste, com Mangabeira VII, PROSIND e a Cidade dos Colibris. Essa localização permite uma maior acessibilidade, por meio de boa parte das vinte e uma linhas de ônibus que circulam diariamente no conjunto.

As etapas que correspondem ao Projeto Mangabeira, com exceção de Mangabeira VII, são servidas por duas grandes vias principais: a Avenida Josefa Taveira (conhecida popularmente como "Mangabeira direto") e a Avenida Alfredo Ferreira da Rocha (conhecida popularmente como Mangabeira por dentro), as quais se destacam pelo intenso fluxo de veículos e de pessoas, bem como pela maior concentração de atividades comerciais e de serviços.



Figura 6: Imagem das duas Principais Avenidas do Bairro de Mangabeira Fonte: Google Earth. Acessado em 20/05/2016.

A Avenida Josefa Taveira é a via mais extensa do bairro, sendo a principal avenida de todo o conjunto, na qual predomina grande parte do comércio e dos serviços locais. É também a via que interliga esse conjunto a outros bairros, como Valentina Figueiredo e Nova Mangabeira.

Mangabeira VII e as demais áreas do conjunto, incluindo Cidade Verde, são servidas por outras duas vias, igualmente importantes. Essas vias garantem uma maior acessibilidade à porção leste do conjunto. Estendem-se

no sentido Norte-Sul, comunicando-se com a Perimetral Leste-Oeste, a qual interliga as praias do Litoral Sul aos bairros da porção sudeste-sudoeste da cidade (ARAÚJO, 2006).

Ainda Segundo Araújo (2006) a localização privilegiada do Bairro de Mangabeira, em relação aos demais conjuntos da porção sudeste favorece sua maior visibilidade e valorização na atualidade. A dinâmica de seu comércio interno a partir do mercado de consumo, propicia o incremento da circulação de mercadorias e serviços, bem como a sua inter-relação com os bairros do seu entorno. Isso nos leva a classificar Mangabeira como um importante subcentro, o qual à luz da definição de (VILLAÇA 2001 apud, ARAÚJO, 2006) corresponde a uma:

Réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar. [...] A diferença é que o subcentro apresenta tais requisitos [aglomerações diversificadas e equilibradas de Comércio e serviços] apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre-os para toda a cidade. (p. 293).

Atendendo a esses requisitos e dispondo de serviços como consultórios médico-odontológicos, hospital, fórum, mercado público, bancos, restaurantes, supermercados, lojas comerciais, escolas, bares, repartições públicas e um distrito industrial, Mangabeira não só atende a população local como também exerce um forte poder atrativo sobre os bairros circunvizinhos, onde seus habitantes buscam suprir suas demandas de consumo mais imediatas. Portanto, enquanto subcentro, esse conjunto desempenha um papel complementar de centro de atividades em relação ao centro principal de João Pessoa.

Assim, o conjunto vai sendo delineado como subcentro, em meio à diversidade e ao equilíbrio na distribuição dos seus equipamentos de comércio e de serviços, os quais favorecem a convergência contínua de um maior número de consumidores para o seu comércio, intenso e diário.

Algumas das empresas nele instaladas são filiais de grandes lojas e serviços, cujas matrizes estão localizadas nas áreas mais centrais e valorizadas de João Pessoa, tais como: Unimed, Lojas Maia, Thiago Calçados, Armazém Paraíba, laboratórios de análises clínicas, como o Maurílio de Almeida, cursos de inglês e postos de gasolina, entre outros.

A outra parte corresponde a pequenos e médios estabelecimentos, sendo que alguns deles são instalados na própria residência, erguidos de forma espontânea, não atendendo ao zoneamento do uso do solo estabelecido pelo seu projeto urbanístico original.

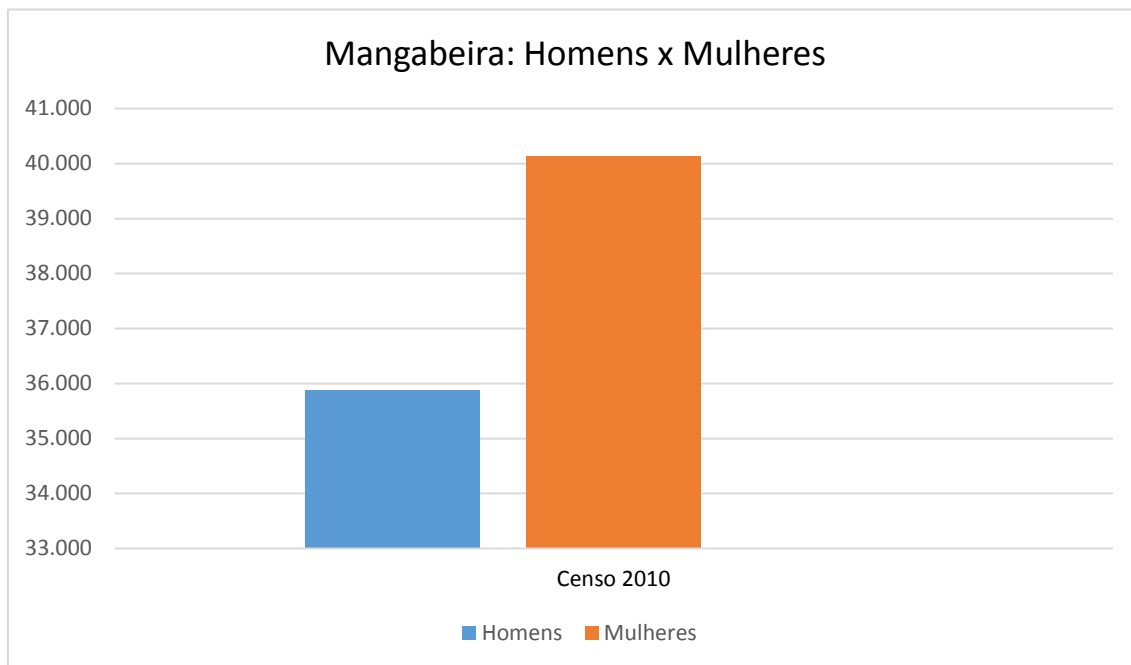
O uso misto das residências para fins comerciais ou de serviços, formais ou informais, é bastante comum em Mangabeira, principalmente quando considerarmos o baixo rendimento dos responsáveis pelo domicílio. Na verdade, representam estratégias de vida, voltadas à complementação do orçamento familiar.

Constatou-se, assim, a presença de pequenos fiteiros, lanchonetes, salões de beleza, depósitos de bebidas, mercadinhos, sorveterias ou pequenos magazines, os quais são construídos na frente ou ao lado da casa onde se mora, por meio da ocupação de um ou mais de seus cômodos (ARAÚJO, 2006).



Figura 7: Foto da Avenida Josefa Taveira em Mangabeira. Fonte: Emanuel Rogerio. 06/2014

Conforme o Censo 2010 a população de Mangabeira é assim distribuída: a população masculina representa 35.844 habitantes e a população feminina, 40.144 habitantes.



Quadro 1: Distribuição da População Masculina e feminina no Bairro de Mangabeira. Fonte: Censo 2010.¹

Ainda segundo Censo 2010, em Mangabeira existem mais jovens do que idosos. Sendo a população composta de 21.6% de jovens e 5.3% de idosos.

Dados tabulados sobre a População de Mangabeira

| | |
|-------------------------------------|--------|
| Domicílios Particulares Permanentes | 23.556 |
| População Residente | 75.988 |
| População Homens | 35.844 |

¹ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250750>. Acesso em 20/05/2016.

| | |
|--------------------------------------|--------|
| População Mulheres | 40.144 |
| Razão de Dependência Jovens | 29.6% |
| Razão de Dependência Idosos | 7.3% |
| Razão de Dependência Total | 36.9% |
| Índice de Envelhecimento | 24.7% |
| Razão de Masculino x Feminino | 86.7% |
| Razão Crianças-Mulheres | 23.8% |
| Média de moradores por Domicílios | 3.4 |
| Proporção de domicílios ocupados | 93.1% |
| Proporção de domicílios não ocupados | 6.9% |

Fonte: Censo 2010. ²

Quanto à infraestrutura, atualmente todo bairro, excetuando-se às áreas de aglomerados subnormais é pavimentado, possui rede de esgotos, bem como abastecimento de água e energia elétrica. A coleta do lixo é feita regularmente em dias alternados.

No entanto, o bairro possui áreas de concentração de aglomerações subnormais que destoam da paisagem do tradicional conjunto habitacional. Segundo o IBGE, considera-se por Aglomeração Subnormais um conjunto constituído por no mínimo 51 ou mais unidades habitacionais (sejam barracas ou casas formais), ocupando ou tendo ocupado, até o período recente, terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) dispostos em geral, de forma desordenada e densa, carentes, em sua maioria, de serviços públicos

² Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250750>. Acesso em 20/05/2016.

essenciais. Os critérios que os identificam são: Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia; Pelo menos uma característica que reflita a Urbanização fora dos padrões vigentes e a precariedade de serviços públicos essenciais (Censo 2010).

No entanto, há algumas áreas subnormais que não possuem rede de esgotos, evidenciamos assim, córregos a céu aberto exalando mau cheiro, além de contribuir para facilitar a contaminação de uma série de enfermidades.

Sendo a cidade local de fortes densidades demográficas, a produção desse Espaço a partir dessas relações sociais gera fortes contradições. Assim a emergência de uma discussão referente às configurações do espaço urbano remete-nos à compreensão de espaço segundo Santos (2002). Para este autor o Espaço, “deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente” (p.153). Isto é, o espaço se define como:

Um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do Presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 2002, p.153).

Este espaço dividido, fragmentado, em permanente conflito pode ser visto também em Corrêa (1999) que define o espaço urbano como sendo “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas”. (p. 8). O autor continua sua análise do espaço urbano articulado com a ótica do modelo capitalista.

O espaço urbano capitalista é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista, refletindo, de um lado, a desigualdade social expressa no acesso desigual aos recursos básicos da vida e, de outro, as diferenças locacionais das diversas atividades que se realizam na cidade. (CORRÊIA, 2001, p 148).

Nos espaços com altas densidades populacionais essa fragmentação espacial expressa nas desigualdades sociais é ainda mais perceptível.

Segundo Souza (2002), duas grandes problemáticas associam-se as grandes cidades: “a pobreza e a segregação residencial” (p. 82-83). Nesses locais, em virtude da ausência do Estado, cria-se uma dinâmica própria baseada em atividades marginalizadas, a qual acaba instalando um processo paralelo de dominação que desafia o sistema legal, estabelecendo um estado de violência dominado por quadrilhas organizadas, que têm em algumas atividades ilícitas, como o tráfico de drogas, por exemplo, sua principal base.

É óbvio que não devemos considerar a segregação e a pobreza, como causa determinantes da violência, porém esses espaços tornam-se vulneráveis a violência conforme afirma Souza (2005)

Contudo a pobreza urbana se reveste de peculiaridades expressas tanto por conta de suas formas de expressão espacial características (favelas, periferias pobres, áreas de obsolescência), quanto pela estratégia de sobrevivência legais e ilegais, que a ela se vinculam (do comércio ambulante ao tráfico de drogas a varejo). Já a segregação residencial é essencialmente um produto da cidade, geradora de preconceito, intolerância e racismo. (p. 82-83).

São fatores que se apoiam na manifestação da violência. Nesses espaços a atuação do Estado é praticamente insignificante o que favorece a instalação do crime organizado, facções criminosas, tráfico de drogas e de armas, que muitas vezes recorrem ao homicídio como expressão máxima da violência para impor o medo e a submissão no espaço por eles usado (CAMPOS, 2007).

O bairro de Mangabeira possui uma aglomeração que pode ser analisado sob esta lógica. Situada na área central do bairro, em espaço de grande fluxo diário de pessoas, a Feirinha de Mangabeira, concentra um intenso comércio informal, cujos estabelecimentos são precários e muitas vezes improvisados. Apenas alguns destes estabelecimentos se apresentam mais bem estruturados, muito embora, no dia-a-dia, suas atividades geralmente se estendam por sobre as ruas e as calçadas, tornando-as ocupadas pelos comerciantes e, servindo, pois, como prolongamento de seu estabelecimento.

Nas calçadas e ruas do entorno dessas ocupações, misturam-se, muitas vezes de forma caótica a poluição visual, provocada pela exposição desordenada de anúncios, a poluição sonora, oriunda dos carros de som e

autofalantes com propagandas e reclames publicitários das lojas e placas, tablados com mercadorias esparramadas.



Figura 8: Foto da Feirinha de Mangabeira.

Fonte:<http://www.wscom.com.br/noticias/policia/>. 06/06/2012

a Feirinha só haviam estabelecimentos comerciais. Hoje, essa realidade é bastante diferente, pois o número de moradias aumentou consideravelmente, concentrando-se nos espaços internos dos quarteirões.

Assim, no decorrer dos anos, a expansão e o maior adensamento de ocupações irregulares, quer seja para fins comerciais ou residenciais, têm contribuído sobremaneira para agravar o aspecto de degradação socioambiental e pauperização do conjunto. Distribuídos em lotes assimétricos, as moradias e os estabelecimentos comerciais são construídos de forma espontânea, sendo muitas vezes inacabados, utilizando-se de materiais os mais diversos, em geral restos de construções, como portas, janelas, revestimentos e telhas.

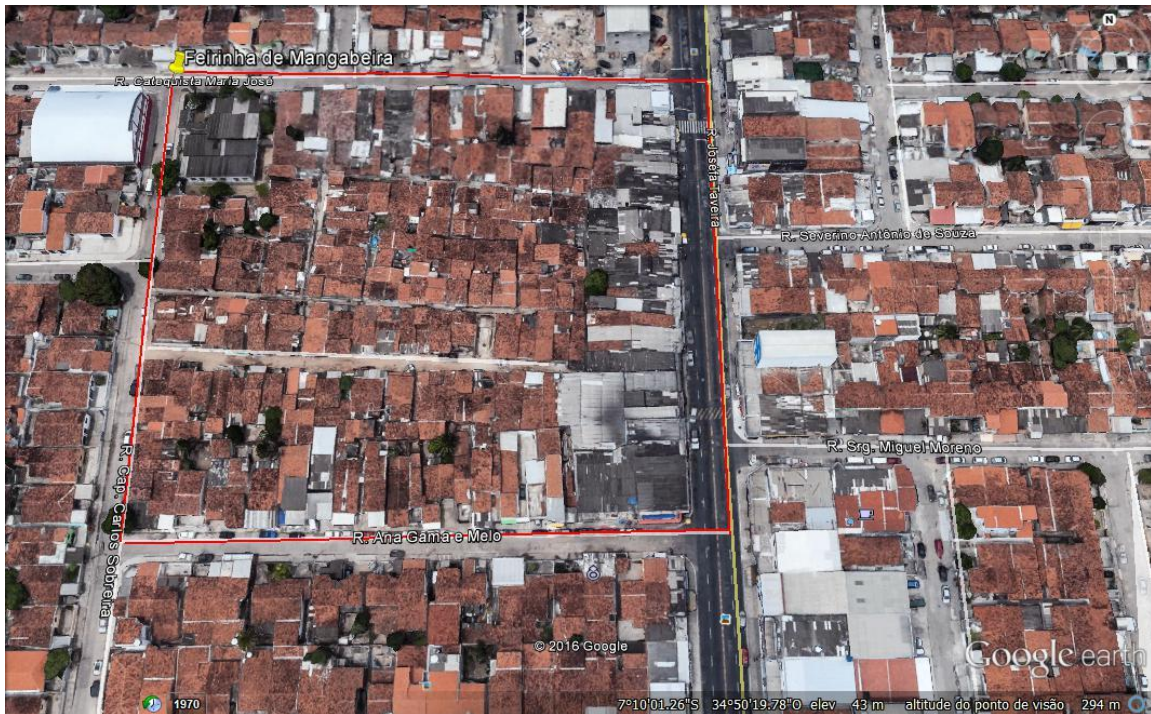


Figura 10: Delimitação da área da Feirinha. Fonte: Google Earth. Acesso em maio de 2016.

É importante ressaltar que a culpa pelo aumento da criminalidade no bairro de Mangabeira não é das comunidades que ali residem, o processo de urbanização desenfreada faz com que as aglomerações subnormais não sejam agentes principais da violência, mas, contribuem juntamente com outras séries de fatores para que a violência e a criminalidade cresçam de forma acelerada.

Após a Caracterização do Bairro de Mangabeira e a apresentação de alguns fatores que contribuem para o aumento da criminalidade, a partir de agora analisaremos os dados referentes a roubo ocorridos no bairro. Este é o objeto de estudo que analisaremos aqui. A partir deste espaço, serão analisados dados de criminalidade referente ao Bairro e que o caracterizam como um dos mais violentos da grande João Pessoa.

3. ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO BAIRRO DE MANGABEIRA POR MODALIDADE

De acordo com dados oficiais fornecidos pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba, o bairro de Mangabeira, na Zona Sul de João Pessoa, tem destaque no cenário de violência da capital, tanto em números de Crimes Violentos Letais Intencionais (CLVI) quanto em números de Crimes Violentos contra o Patrimônio (CVP). Em relação a roubos e furtos, o bairro da Zona Sul já teve 161 ocorrências e lidera o *ranking* de incidência de CVP nos bairros de João Pessoa no 1º quadrimestre de 2014. O aumento foi de 75% em relação ao mesmo período de 2013, quando foram registrados 92 CVPs. Os dados são do Relatório de Indicadores Criminais no 1º Quadrimestre de 2014 da Secretaria de Segurança e Defesa Social (SEDS).

Além disso, nos primeiros quatro meses de 2014, Mangabeira já registrou 8 homicídios, ficando na segunda posição dos bairros de João Pessoa. Em 2013, o bairro teve o maior número de CLVIs, registrando 37 mortes.

Um morador de Mangabeira, estudante do curso de Administração, relatou à Secretaria de Segurança que já foi assaltado duas vezes na porta de sua casa. Na primeira vez, em dezembro de 2011, ele estava voltando da igreja quando foi abordado por um rapaz em uma bicicleta que aparentava estar armado com um estilete na cintura. Na ocasião, o universitário teve que entregar a carteira com documentos. Afirmou: “registrei um B.O. [boletim de ocorrência], mas nunca tive os documentos de volta”. Ainda de acordo com o relato:

A segunda vez foi em agosto de 2013 quando X. foi enganado por um homem que fingiu estar com o carro quebrado. “Ele pediu pra empurrar até uma ladeira e eu fui. Na metade do caminho, eu senti que não devia empurrar mais porque a gente estava se aproximando de umas granjas onde dizem que tem tráfico de drogas. Eu voltei correndo e quando cheguei no portão de casa ele apareceu no carro, já funcionando normalmente. Ele agradeceu a ajuda e eu disse ‘de nada, Deus te abençoe’. E aí ele puxou o facão e anunciou o assalto. (SSP, 2016, S/P)

Dessa vez, o ladrão levou um celular da vítima, a qual afirmou: “Fiquei traumatizado nessa época e evitava muito sair de casa. Eu pegava táxi o tempo todo. Uma semana depois esse mesmo homem assaltou outra pessoa e

meus vizinhos são constantemente assaltados” (SSP, 2016), explicou o universitário, que mora próximo à Praça do Coqueiral, em Mangabeira II. Relatou ainda que já pensou várias em sair do bairro por causa da violência. “É uma realidade muito triste. Onde a gente vai é arriscado. Os bairros da região sul estão muito violentos ultimamente. Até andar dentro de ônibus é perigoso”, comentou o rapaz.

Por outro lado, Mangabeira tem mais de 76 mil habitantes, de acordo com dados do Censo 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Enquanto isso, o bairro de João Pessoa com o segundo maior número de moradores, o Cristo Redentor, tem 37.538 habitantes.

A operacionalização do trabalho se deu partir da coleta de informações junto a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba. Consideraram-se Crimes Violentos Patrimoniais (CVP) os crimes de roubo e extorsão mediante sequestro. Os dados foram fornecidos pelo NACE (Núcleo de Análise Criminal e estatística), Órgão ligado a Secretária de Segurança Pública do Estado que é responsável pelo cadastramento e registros das ocorrências policiais através do Telefone gratuito de emergência: 190 (Polícia Militar do Estado da Paraíba), com os dados referentes aos números de CVP (por modalidade) registrados entre os anos de 2013 e 2015, na cidade de João Pessoa-PB.

Tomou-se como dado o CVP (por Modalidade) em virtude de serem crimes de grande impacto e de extrema violência tanto para a vítima, ou seja, o indivíduo que sofre com o crime, pois pode lhe subtrair o maior de seus bens (a vida) quanto para a sociedade de uma maneira geral. Os dados foram tratados permitindo a elaboração de tabelas e gráficos contendo a informação das ocorrências quanto aos meses e quantidade de ocorrências. É importante também ressaltar a dificuldade na coleta dos dados. Exemplo disto é a ausência de dados sobre os horários das ocorrências, os quais nos auxiliariam a entender a criminalidade no/do bairro a partir da dinâmica do processo de urbanização, bem como auxiliariam na construção dos gráficos. A análise foi, portanto, feita de acordo com o que foi fornecido pela Secretaria de Segurança Pública do Estado Da Paraíba.

De acordo com os dados ocorreram entre os anos de 2013 a 2015 cerca de 1923 ocorrências se deram no espaço analisado. Sendo que 2015 foi o ano

onde se registrou o maior número de ocorrências, com cerca de 980 casos apurados pela Polícia Militar.

Durante o ano de 2015 de uma forma geral, foi onde mais ocorreram registros de CVP (por modalidade) como mostra o Gráfico 2 (p. 31), tendo o “roubo transeunte” (ou seja, tipo de roubo em que há pessoas que trafegam por lugares de passagem momentânea), com maiores registros de ocorrências, cerca 748 casos já que o Bairro de Mangabeira e uma área comercial, o Roubo a Transeunte se justifica pela intensa mobilidade ocorrida no Bairro. Outra coisa que se pode observar neste tipo de roubo a partir dos dados é que os meses de maio e agosto tiveram os maiores índices de ocorrência.

Vale ressaltar que esses dados foram coletados a partir do levantamento das chamadas que foram feitas ao telefone de emergência da Polícia, ou seja, o 190. Além destes vale salientar que existem os casos onde nem mesmo é feito o registro a partir do Boletim de Ocorrência (popularmente conhecido como B.O.) ou muito menos o telefonema para a Polícia Militar, dificultando o trabalho da mesma no que se refere a atuação e ainda restringindo a coleta e análise dos dados.

O Bairro de Mangabeira conta com três aglomerações subnormais como relatado no capítulo anterior e pode se observar a alta densidade de áreas segregadas no bairro que acreditamos contribuir para o elevado número de crimes ocorridos no bairro, devido a urbanização desenfreada que ocorreu na área.

| Ano | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | Total |
|-------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| 2013 | 19 | 16 | 34 | 23 | 29 | 34 | 40 | 43 | 33 | 37 | 37 | 33 | 378 |
| 2014 | 49 | 26 | 40 | 44 | 69 | 52 | 57 | 58 | 41 | 41 | 42 | 46 | 565 |
| 2015 | 54 | 70 | 59 | 76 | 99 | 94 | 80 | 98 | 97 | 88 | 84 | 81 | 980 |

Quadro 3. Número de CVP no bairro de Mangabeira em João Pessoa por meses de 2013 a 2015. Fonte: Secretaria de Segurança Pública. Ano de obtenção dos dados: 2016.

Número de CVP no bairro de Mangabeira em João Pessoa por meses de 2013 a 2015.

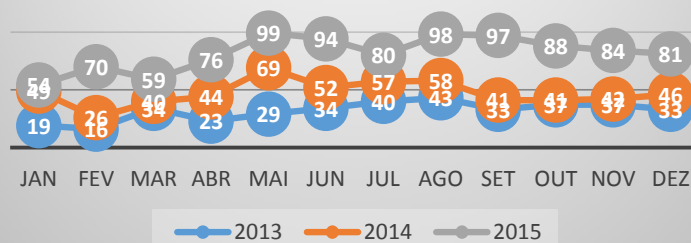


Gráfico 1. Fonte: Secretaria de Segurança Pública

| Modalidade | 2013 | 2014 | 2015 |
|------------------------------|------|------|------|
| Roubo a Transeunte | 186 | 367 | 748 |
| Roubo de Moto | 43 | 95 | 90 |
| Roubo em Estabelecimento | 89 | 68 | 96 |
| Roubo em Transporte Coletivo | 40 | 15 | 18 |
| Roubo de Carro | 8 | 12 | 16 |
| Roubo a Residência e Outros | 12 | 8 | 12 |

Quadro 4. Número de CVP no bairro de Mangabeira em João Pessoa por Modalidades de 2013 a 2015. Fonte: Secretaria de Segurança Pública

Modalidades de Roubo em Mangabeira de 2013 a 2015

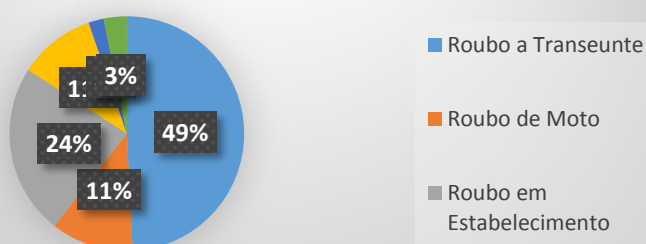


Gráfico 2. Fonte: Secretaria de Segurança Pública

Em relação ao período de análise é importante destacar que nos meses de maio à setembro dos anos de 2013 a 2015 houve um aumento considerável da criminalidade no bairro. Acreditamos que este aumento pode ter ocorrido por vários fatores, entre estes destacamos o fato de ser um período de festas, como a festa pública de aniversário do bairro que ocorre em algumas praças;

pagamento de uma primeira parte do Décimo terceiro salário por parte dos poderes municipal e estadual; as festas juninas e uma maior circulação do comércio, por ser este um período culturalmente importante para toda a Região Nordeste e ainda, outro dado importante: o início do inverno período onde há um aumento do regime de precipitação na cidade, que leva a uma diminuição na quantidade de transeuntes nas ruas ao longo do dia.

No que se refere aos tipos de criminalidade vale ressaltar outros tipos de violência como agressão física no que diz respeito a agressão a mulher até o estupro área que tem crescido de forma alarmante no Brasil de uma forma geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tratamos de violência, é necessário considerar vários fatores como: o momento histórico, econômico, cultural, social, jurídico e outros, portanto, não buscamos aqui abordar a violência a partir de sua gênese, quer seja moral ou social, mas entendê-la a partir de sua manifestação no espaço urbano, ou seja, analisar violência sobre o olhar geográfico.

A criminalidade faz parte da sociedade, sendo que crime é um conceito legal que pode ser definido como um comportamento humano punível, segundo o direito criminal.

O crime é um fenômeno causado por um amplo número de fatores de índole muito diversa. Não há condições que garantam que uma pessoa cometerá crimes, mas é certo que determinados contextos favorecem mais a proliferação do crime.

A urbanização acelerada e desordenada do Brasil a partir de 1950 gerou grandes periferias metropolitanas, com equipamentos urbanos insuficientes, que atraíram uma migração de pessoas de baixa renda e com sérios problemas de inserção social. Essas metrópoles, caracterizadas por uma profunda desigualdade social, constituem um dos locais onde mais se encontra a criminalidade violenta.

Os dados apontam para uma relação entre pobreza urbana, segregação espacial, densidade demográfica e a manifestação da violência, essas variáveis estão presentes nos bairros com maiores registros como é o caso de Mangabeira.

Ainda que esta análise não seja capaz de explicar o fenômeno em toda sua complexidade e nem associar a multiplicidade de fatores que contribuem para a compreensão dos crimes de Furto e Roubo, a análise proposta foi de fundamental importância. Os determinantes estruturais da violência – que podem ser alvo de intervenção governamental – associam-se de forma significativa ao comportamento dos roubos e, se combatidos, podem resultar em um decréscimo significativo nas taxas de crimes urbanos violentos.

A violência vem trazendo graves problemas para o espaço urbano. Criar mecanismo de contê-la não é somente tarefa exclusiva da Polícia, esse

pensamento cabe apenas no senso comum. Nos últimos esforços tem sido empregado pela PMPB no sentido de minimizar a criminalidade na cidade de João Pessoa, no entanto a mensuração dos números mostra que a violência vem aumentando. Assim podemos falar numa cultura homicida que vitima nossos jovens mormente nas cidades maiores.

É importante colocar que entre os crimes estudados pode se observar que a grande maioria dos roubos são feitos pela população de classe média baixa, os crimes praticados pelas pessoas de classe média alta, não apresentam uma maior visibilidade nesse trabalho, embora sejam crimes que se caracterizam como os mais prejudiciais para a sociedade, desencadeando muitos outros tipos de violência. Entretanto, é bom salientar que muitas pessoas de maior poder aquisitivo praticam esse tipo de crime no espaço urbano, inclusive no Bairro de Mangabeira, mas existe dificuldade para identificá-los. Um exemplo dessa realidade são os traficantes de drogas que comercializam no Bairro, muitas vezes representados por pessoas com um alto poder aquisitivo, lucram muito as custas de seus encarregados como acontece na comunidade do Balcão em Mangabeira.

Pode-se perceber na construção desse trabalho, que a violência “visível”, pode influenciar no modo de vida das pessoas e na organização do espaço urbano. O medo da violência faz com que muitas pessoas modifiquem seus hábitos e se eclausem em suas casas com medo da violência. No bairro de Mangabeira a violência é um fenômeno muito explícito pela população que sofre e vê cada vez com o constante processo de verticalização no bairro.

O trabalho mostrou que nos últimos anos o Bairro de Mangabeira vem sofrendo índices alarmantes de Criminalidade, e que o ano de 2015 foi o período onde ocorreram as maiores quantidades de ocorrência. O trabalho também mostrou que os dados apresentados são aqueles onde foram feitos os B.O. ou feitas as ligações para o 190 da Polícia Militar e que esses números não refletem a realidade do momento já que grande parte das ocorrências não são registradas.

A dificuldade pela coleta dos dados interfere na análise do mesmo, já que dados como o horário dos crimes, depoimentos e áreas de maior incidência dificultam na construção da espacialização dos dados, já que as Principais Avenidas do Bairro vem Sofrendo com constantes arrastões (Assaltos) que se

iniciam Próximo a AeC Telecomunicações e percorre por ponto paradas de ônibus e áreas de destaque do Bairro como, a Praça do Coqueiral, o mercado Público de Mangabeira, a Feirinha e o início da Josefa Taveira onde se localizam as Principais lojas comerciais do Bairro.

É importante também relatar que a polícia tem feito seu trabalho em tentar manter a segurança e a ordem da população, mas a mesma é subjugada por vários fatores que contribuem para o aumento da criminalidade, dentre os quais destaco a urbanização desordenada, que é a origem da maioria das causas ocorridas para o aumento da criminalidade.

Nossa função enquanto Geógrafo neste trabalho é trazer uma melhor compreensão em relação ao estudo do espaço urbano e violência, como também contribuir e abrir novas possibilidades para que a temática da Geografia do Crime seja estudada e compartilhada para o meio acadêmico e a sociedade, buscando sempre contribuir na construção de uma sociedade menos segregada e mais igualitária.

Referências

ANDRADE, T. A., SERRA, R. V. (org.). Cidades Médias Brasileira. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ARAÚJO, L. M. A produção do espaço intra-urbano e as ocupações irregulares no Conjunto Mangabeira, João Pessoa – PB. (Dissertação). PPGG-UFPB: João Pessoa, 2006.

BATELLA, W. B. Análise Espacial dos Condicionantes da Criminalidade Violenta no Estado de Minas Gerais – 2005: Contribuições da Geografia do Crime. (Dissertação). PPGG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CAMPOS, J. J. Violência urbana: A distribuição dos homicídios na Cidade de João Pessoa no período de 2005 e 2006. UFPB, 2007

CARLOS, A. F. A - A Cidade. São Paulo, Contexto, 1992.

CORRÊA, R. L. O espaço urbano. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995

FELIX, A. S. Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias. UNESP: Marília, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) **Censo demográfico 2010.** Disponível em: cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250750

LIRA, P. Geografia do crime: Construção e Geoprocessamento do Índice de Criminalidade Violenta; no município de Vitória-ES; vol 03; 2007.

MAIA, D. S. Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa – PB. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, 2000.

LEFEBRVE, H. A revolução urbana. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MORAES, R. de. O que é violência urbana. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SOUZA, M. L. 1963 – ABC do desenvolvimento urbano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOUZA, M. L. O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2000.

SOUZA, M. L. de. Clima de Guerra Civil? Violência e Medo nas Grandes Cidades Brasileiras. In: Edu Silvestre de Albuquerque (Org.). **Que País e Esse?** Pensando o Brasil Contemporâneo. São Paulo: Ed. Globo, 2005

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: M. E. B. (Org.) **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: GASPERR – FCT/UNESP, 2001

VELHO, G. Violência, Reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. Revista Cidadania e Violência, Rio de Janeiro: Editora UFRJ: FGV, 1996.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 373p.